

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ESPORTE ORIENTAÇÃO: CONCEITUAÇÃO, RESUMO HISTÓRICO  
E PROPOSTA PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR PARA O CURRÍCULO ESCOLAR**

**MARCO ANTONIO FERREIRA DA SILVA**

**Porto Alegre – RS**

**2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ESPORTE ORIENTAÇÃO: CONCEITUAÇÃO, RESUMO HISTÓRICO  
E PROPOSTA PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR PARA O CURRÍCULO ESCOLAR**

**MARCO ANTONIO FERREIRA DA SILVA**

**Monografia apresentada à Escola  
Educação Física da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul, como  
requisito parcial para a obtenção de  
grau de licenciado em Educação Física.  
Orientador: Prof. Dr. Alberto Reinaldo  
Reppold Filho**

**Porto Alegre – RS**

**2011**

## AGRADECIMENTOS

De forma a estabelecer uma ordem, a partir de uma cronologia de passagem ou ainda convivência de pessoas no meu tempo de vida, irei realizar meus agradecimentos.

Primeiramente agradeço aos meus pais: Dianézio Lopes da Silva e Maria Aparecida Ferreira da Silva por me terem dado a chance de estar aqui na batalha incessante da vida e por se esforçarem para me educar da melhor maneira que puderam, este é o maior pilar da formação do cidadão.

Agradeço a minha irmã Lucyléa e minha tia Graça pelos vários anos de convivência e o aprendizado desta convivência.

Agradeço ao meu grande amigo Ivonildo Célio Baía por me mostrar o que é uma verdadeira amizade e me ensinar o significado de doação.

Agradeço ao meu filho Junior, ainda que muito jovem, por me tornar feliz e deixar claro que maturidade não ocorre somente com o avançar da idade.

Agradeço a minha esposa Etnã, companheira há mais de dez anos, pela sua capacidade de doação, amor e apoio em todas as empreitadas em que desafio.

Agradeço a todos as pessoas que de alguma forma passaram, passam ou ainda vão passar por minha vida e que me ensinaram, ensinam ou vão me ensinar muito.

Agradeço a sorte de ter conhecido o esporte Orientação há mais de 20 anos atrás e que durante todo este tempo tem me proporcionado grandes ensinamentos, amizades e oportunidades de conhecer muitos lugares, outras culturas, trabalhar com populações especiais, realizar palestras e cursos, enfim, dividir os conhecimentos deste esporte de corpo e mente e promover meu crescimento pessoal.

Por fim quero agradecer aos professores, todos que tive na minha jornada de vida, mas especialmente a alguns deles que estiveram ultimamente comigo na vida acadêmica e me ensinaram um pensar diferente e crítico sobre a Educação Física: Felipe Ulmann, Alex Branco, Adroaldo Gaya, José Cícero e meu orientador Alberto Reppold.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, meu filho, minha esposa, minha irmã, minha tia, a todas as pessoas que se esforçam para ser a mudança que elas querem ver no mundo e a todos os amantes do grande esporte que trabalha o corpo, a mente promovendo o crescimento pessoal e desenvolvendo a cidadania: ***Orientação!***

*"Não, não é fácil escrever.  
É duro como quebrar rochas.  
Mas voam faíscas e lascas  
Como aços espelhados."  
(CLARICE LISPECTOR)*

*"Quando eu tinha a idade de quatro ou cinco  
anos experimentei uma sensação de assombro...  
Quando meu pai me ensinou uma bússola."  
(ALBERT EINSTEIN)*

## RESUMO

O presente estudo trata da conceituação e apresentação das características de um esporte amplamente praticado principalmente nos países da Europa, nos Estados Unidos, na Austrália, China e outros e em grande crescimento de adeptos no Brasil. O estudo tem por objetivo, remontar um resumo histórico e por uma analogia dos principais papéis da Educação Física no Brasil, guiado pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB/96), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/97) e Referenciais com as possibilidades pedagógicas e interdisciplinares promovidas pelo esporte **Orientação**, realizar uma proposta de inserção desta disciplina no currículo escolar aos moldes de vários países europeus.

**Palavras-chave:** Orientação; esporte; escola; currículo; educação física.

## ABSTRACT

The present study deals with the conceptualization and presentation of the characteristics of a sport widely practiced mainly in European countries, United States of America, Australia, China and other and huge growth of fans in Brazil. The study aims, reassemble a historical brief and by analogy for one of the major roles of Physical Education in Brazil, led by the Law of Directives of Bases (LDB/96 - Lei de Diretrizes de Bases), National Curriculum Parameters (PCN/97 – Parâmetros Curriculares Nacionais) and Benchmarks with the possibilities pedagogical and interdisciplinary promoted by the sport ***Orienteering***, make a proposal for inclusion of this discipline in the school curriculum like in many European countries.

**Keywords:** Orienteering; sports; school; curriculum; physical education.

## RESUMEN

El presente estudio aborda la conceptualización y la presentación de las características de un deporte ampliamente practicado principalmente en los países europeos, Estados Unidos de América, Australia, China y otros y en gran crecimiento de fans en Brasil. El estudio pretende, volver a montar un resumen histórico y, por analogía, de las principales funciones de la Educación Física en Brasil, dirigido por la Ley de Directrices de Bases (LDB/96 - Lei de Diretrizes de Bases), Parámetros Curriculares Nacionales ( PCN/97 - parametros Curriculares Nacionais) y Referenciales con las posibilidades pedagógicas e interdisciplinariedad que promueve el deporte de ***Orientación***, hacer una propuesta para la inclusión de esta disciplina en el currículo escolar como en muchos países europeos.

**Palabras clave:** Orientación; deportes; escuela; plan de estudios; la educación física.



## **LISTA DE FIGURAS E TABELAS**

### **Figuras**

<b>Figura 1</b> – Prisma – Identificação do Ponto de Controle (PC)	<b>13</b>
<b>Figura 2</b> – Mapa de Orientação	<b>14</b>
<b>Figura 3 e 4</b> – Mapa de Orientação (mesma área em escalas 1:5.000 e 1:10.000)	<b>15</b>
<b>Figura 5</b> – Cartão de Descrição	<b>15</b>
<b>Figura 6</b> – Cartão de Controle	<b>16</b>
<b>Figura 7</b> – Picotador	<b>16</b>
<b>Figura 8</b> – SI-Card	<b>17</b>
<b>Figura 9</b> – E-Card	<b>17</b>
<b>Figura 10</b> – Estação do SI-Card	<b>17</b>
<b>Figura 11</b> – Estação do E-Card	<b>17</b>
<b>Figura 12</b> – Bússola de Dedo	<b>18</b>
<b>Figura 13</b> – Bússola de Base Milimetrada	<b>18</b>
<b>Figura 14</b> – Mapa Mundial da Orientação	<b>22</b>

### **Tabelas**

<b>Tabela 1</b> – Categorias por sexo e idade	<b>19</b>
<b>Tabela 2</b> – Comissão Científica da Confederação Brasileira de Orientação	<b>26</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. CONCEITUAÇÃO E HISTÓRICO</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Conceitos e Características</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Resumo Histórico</b>	<b>20</b>
<b>2.3 Escolas de Orientação</b>	<b>27</b>
<b>3. ESPORTE ORIENTAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR</b>	<b>29</b>
<b>3.1 Papel da Educação Física</b>	<b>29</b>
<b>3.2 Benefícios do Esporte Orientação</b>	<b>33</b>
<b>3.3 Proposta ao Currículo Escolar</b>	<b>35</b>
<b>3.4 Relato de Experiência</b>	<b>38</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>41</b>
<b>5. REFERÊNCIAS</b>	<b>43</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's 1997), instrumento orientador do ensino no país enfatiza a busca e utilização de ferramentas pedagógicas transversais e interdisciplinares que sejam capazes de desenvolver importantes qualidades no processo de desenvolvimento humano. Este tipo de estratégia norteada pelos PCN's visa alterar a visão paradigmática, objetivando não mais a busca do desempenho ou aptidão física e sim uma concepção pedagógica crítica que se fundamenta na cultura corporal, buscando a formação de um cidadão autônomo, crítico, participativo e reflexivo, estando pronto para os desafios de vida em sociedade, promovendo integração e vivências dos alunos nos mais diversos aspectos e situações do cotidiano.

O esporte deve estar alicerçado em uma proposta pedagógica que considere, além dos aspectos técnicos relativos à modalidade envolvida, a importância de intervir junto ao educando quanto a aspectos relativos a valores e modos de comportamento. Dessa forma, a prática do esporte deve transcender a questão da metodologia, considerando também sua função educacional.

Conhecer um esporte é deixar passar pelo corpo, é preciso vivenciar o esporte para realmente conhecê-lo e compreendê-lo.

O esporte Orientação, um esporte predominantemente praticado na natureza, encaixa-se perfeitamente neste tipo de ferramenta pedagógica interdisciplinar que desenvolve vários aspectos psicossociais, biológicos e antropológicos que possibilitam o crescimento intelectual, físico e social dos alunos. Conforme citação de PARLEBÁS no livro *"Perspectivas para uma Educação Física Moderna"* para os esportes praticados na natureza temos:

*"Nos esportes na natureza o que se busca é a essência de cada ser humano, a preservação da individualidade e o respeito às diferenças de cada um, sem a imposição de um determinado estereótipo de comportamento. Os esportes na natureza acontecem predominantemente no "meio selvagem". Neste ambiente, o praticante está sujeito a variações e alterações do meio, tendo que manter um diálogo constante com o espaço. Ele deve perceber indícios, adaptar-se às condições impostas pela natureza e estar atento aos possíveis obstáculos naturais. As práticas selvagens requerem um ajuste à novidade e uma Orientação para a adaptabilidade frente ao imprevisível." (PARLEBÁS, 1987, p. 14).*

Com base nos dados pesquisados e na observação e experiência há mais de duas décadas como praticante desta modalidade esportiva, este estudo tem como objetivo conceituar o esporte, traçar o seu resumo histórico no mundo e no Brasil e realizar uma proposta de inserção desta modalidade nos currículos escolares, buscando desta forma

atender ao chamamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o desenvolvimento de estratégias que visam o desenvolvimento humano e a construção da cidadania.

A pesquisa teve como base artigos e livros, o que possibilitou o acesso e manipulação de informações relevantes.

O levantamento referencial específico sobre o esporte de Orientação foi feito em bases de dados disponíveis via Internet e na biblioteca da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, selecionando-se os trabalhos dos autores mais pertinentes ao tema da pesquisa. Os trabalhos ou documentos acadêmicos sobre este esporte são escassos, sobretudo no Brasil que mesmo já possuindo um grande número de adeptos, não produziu grandes volumes de trabalhos nesta área. Portanto, o Capes, o Google Acadêmico, Google Livros e Google, EFdeportes, e os sites dos clubes, das federações e confederações deste esporte no Brasil e em outros países foram pesquisados todos por meio eletrônico.

As principais palavras chaves e expressões buscadas nos bancos de dados da internet e biblioteca foram: Orientação, orienteering, corrida de Orientação, carrera de orientación, Orientação na escola, school orienteering, esporte Orientação e a partir dos artigos e livros encontrados foi verificado a bibliografia constante e realizadas novas pesquisas a partir destas.

Após o levantamento referencial, o material foi estudado visando abranger todas as informações relevantes para o estudo da relação entre o esporte de Orientação e a aprendizagem na escola, realizando posteriormente a proposta do esporte nos currículos escolares. Na verificação dos dados, foi realizada uma análise do material estudado para que se fosse obtida uma visão global do assunto pesquisado e a partir desta análise destacar os principais temas abordados pelos vários autores em seus estudos.

## 2. CONCEITUAÇÃO E HISTÓRICO

### 2.1. Conceitos e Características

A Orientação é uma espécie de “*cross humano*” onde o praticante deve percorrer variados tipos de terreno, como campos, matas, rios e trilhas. É importante lembrar que a Orientação pode ser praticada em qualquer lugar, inclusive em zonas urbanas, desde que se tenha um mapa, croqui ou esboço da área onde será praticada. A Orientação pode ser comparada com um jogo de “*caça ao tesouro*”. Por ocasião da partida, que se dá em intervalos de tempo por categorias – diferentemente das corridas do atletismo onde todos largam juntos – pois na Orientação vence quem faz o menor tempo e não quem chega primeiro, o “*orientista*”, como é chamado o praticante de Orientação, recebe da organização da competição no momento de sua largada – comumente chamada de partida neste esporte – um mapa detalhado da região da competição com pontos discriminados graficamente neste mapa em forma de círculos sobre os mais variados objetos no terreno, ligados e numerados em sequência, chamados *pontos de controle*, representados materialmente por “*prismas*” (uma espécie de tela com três faces com dimensões de 30 X 30 centímetros, sendo cada face dividida em dois triângulos equiláteros nas cores branco para cima e laranja para baixo) que são previamente colocados no terreno (**figura 1**). O “*orientista*” então tem que passar obrigatoriamente por todos e também na ordem pré-determinada.



**Figura 1** – Prisma – Identificação do Ponto de Controle (PC)

Para alcançar estes pontos, o praticante auxiliado pela sua bússola, escolhe a rota que lhe pareça melhor para chegar a estes pontos.

Enquanto esporte a Orientação, de acordo com o “Prospecto de Apresentação da Confederação Brasileira de Orientação”, apresenta o seguinte conceito:

“Orientação é um esporte no qual o competidor tem que passar por pontos de controle marcados no terreno, no menor tempo possível, auxiliado por mapa e bússola. A característica própria do Esporte Orientação é escolher e seguir a melhor rota por um terreno desconhecido contra o relógio. Isso exige habilidades de Orientação, tais como: leitura precisa do mapa, avaliação e escolha de rota, uso da bússola, concentração sob tensão, tomar decisão rápida, correr em terreno natural, etc.” (DORNELLES, 2010, p.2).

O mapa (figura 2) fornecido ao praticante pela organização é confeccionado especificamente para o esporte Orientação através de um programa de computador chamado “OCAD” (Orienteeing Cartography Automatic Drawing – Desenho Automático para Cartografia de Orientação), mapa este onde constam como nos mapas em geral, a direção do norte, especificamente nos mapas de Orientação é representada por linhas paralelas e com intervalos iguais entre elas, sendo sobrepostas à área da competição com informações detalhadas sobre o local como: trilhas, estradas, cercas, linhas de energia, lagos, rios, vegetação, clareiras, edificações, buracos, pedras, cupinzeiros, áreas perigosas, curvas de nível e etc.

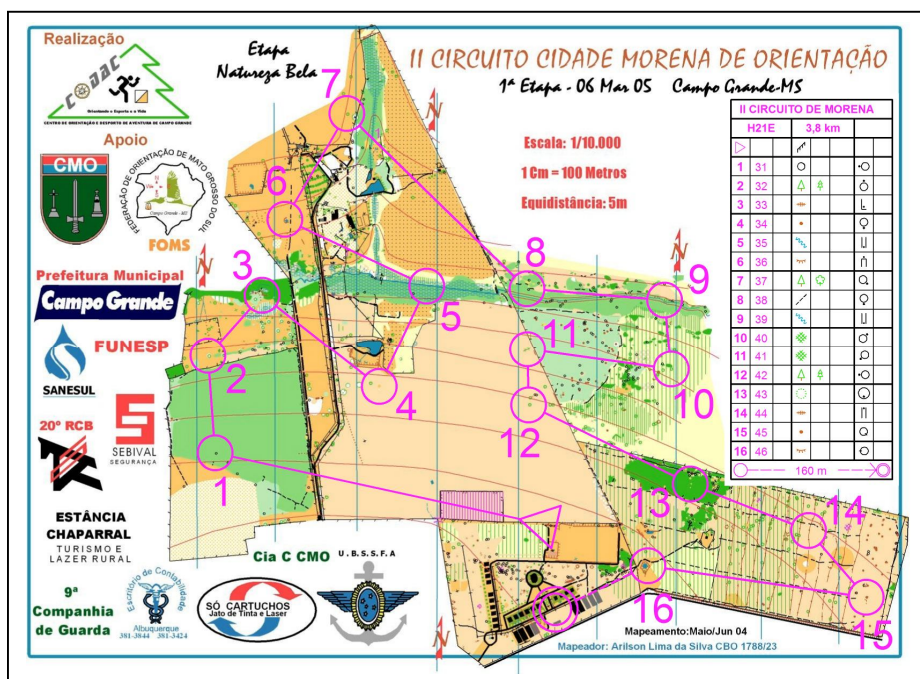


Figura 2 – Mapa de Orientação

O mapa das provas de Orientação em geral possuem escalas de 1:15.000, 1:10.000 e 1:5.000, ou seja, cada centímetro do mapa corresponde a 15.000, 10.000 e 5.000 centímetros respectivamente no terreno, claro que a equivalência da distância do

mapa para o terreno se faz em metros, bastando fazer a transformação matemática dos centímetros para metros, onde passamos a ter 150, 100 e 50 metros respectivamente. As escalas de 1:15.000 e 1:10.000 são destinadas aos mapas de praticantes experientes e a de 1:5.000 é destinada aos praticantes iniciantes e para aqueles com idades acima de 45 anos onde se ocorre um decréscimo fisiológico natural da visão, já que nesta escala os objetos ficam muito mais visíveis, pois temos uma área menor representada no mesmo centímetro quadrado do mapa. Para mapas didáticos usa-se escalas maiores para a facilitação da visualização dos objetos. Quando se diz escala maior, o número correspondente é menor, como pode se verificar nas figuras com a mesma área do mapa, porém com escalas diferentes de 1:5.000 e 1:10.000 respectivamente (**figuras 3 e 4**).



**Figura 3 e 4** – Mapa de Orientação (mesma área em escalas de 1:5.000 e 1:10.000)

Além do mapa, o praticante recebe um “*cartão de descrição*” dos pontos de controle onde se deve visitar e informações do percurso (**figura 5**).

CAMBOR 2010				
HN1		0,5 km	25 m	
▶		○		
1	31	☺		Ń
2	32	↘ ↙		
3	33	△	⊗	⊙
4	34	▲		♀
○		— 100 m —		⊙

**Figura 5** – Cartão de Descrição

Este cartão vem impresso no mapa, mas a organização da competição fornece uma cópia do cartão avulsa para que o praticante leve consigo para usá-la no seu “*bracelete*”, facilitando a consulta durante o percurso

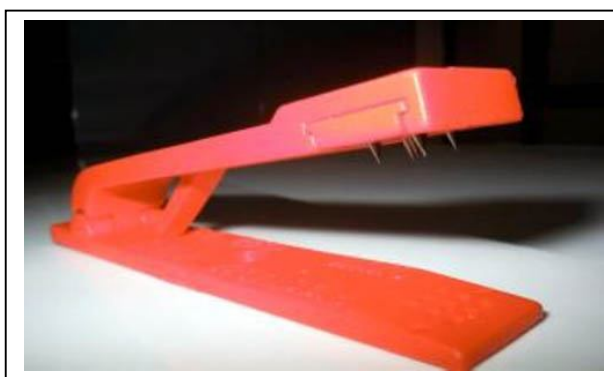
A forma de comprovação que o atleta visitou todos os pontos se dá por duas maneiras: controle mecânico e controle eletrônico.

Pelo controle mecânico o praticante leva também um “*cartão de controle*” (**figura 6**) – também chamado “*cartão de picote*” – numerado.

Cat Nº	Categoria		RUMO VERDE CLUBE DE ORIENTAÇÃO					
Número	Nome:						Partida	
	Clube:							
19	20	21	22	R3	R2	R1	Chegada	
							Tempo	
10	11	12	13	14	15	16	17	18
1	2	3	4	5	6	7	8	9

**Figura 6** – Cartão de Controle

Ao chegar ao ponto de controle encontra lá uma espécie de grampeador, denominado “*picotador*,” (**figuras 7**) com combinações diferentes de alfinetes para cada “*picotador*” que ao ser pressionado sobre o número correspondente no cartão de controle, produz furos em combinações de 1 a 9 furos que são a prova de que o praticante visitou o ponto de controle na comparação com o gabarito pré-estabelecido e testado antes da competição.



**Figura 7** – Picotador



Esta forma de controle é atualmente e predominantemente utilizada em treinos, percursos didáticos e pequenas competições locais.

O controle eletrônico, mais utilizado atualmente e menos passível de erros, permite uma rápida apuração e divulgação dos resultados pela organização da competição. Nesta forma de controle o “cartão de controle” é substituído por um “chip”, chamado de “SI-card” (figura 8) quando controlado pelo sistema eletrônico “Sport Ident” desenvolvido pela Alemanha, e chamado de “E-card” (figura 9) quando controlado pelo sistema eletrônico “EMIT” desenvolvido pelas federações da Noruega e da Suécia.

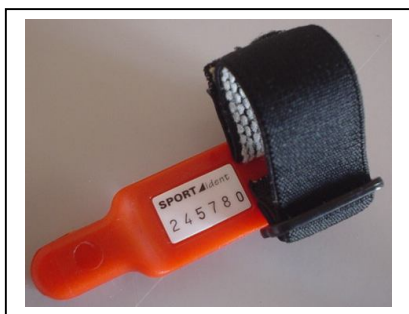


Figura 8 – SI-Card

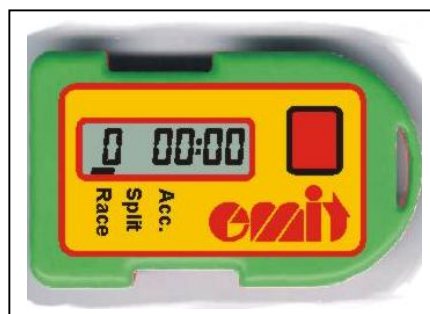


Figura 9 – E-Card

Este “chip” é portado pelo atleta, preso ao dedo da mão por uma liga ajustável e ao chegar ao ponto de controle, encontra uma “estação”, uma espécie de fechadura acoplada em um suporte onde o atleta faz um encaixe do “chip” nesta “estação”, (figuras 10 e 11) como se encaixa uma chave na fechadura, registrando assim os dados neste chip para serem lidos por ocasião da chegada.



Figura 10 – Estação do SI-Card



Figura 11 – Estação do E-Card

De uma forma bastante simplificada, o praticante do esporte para encontrar os pontos de controle discriminados no mapa faz um alinhamento das “linhas do norte” – que constam em todos os mapas das competições – com o “norte” indicado pela bússola que

ele porta, **(figuras 12 e 13)** a partir daí ele fica com o seu mapa “orientado”, ou seja, os objetos gráficos do mapa estando à frente do praticante ficam dispostos na posição conforme os objetos reais no terreno, estando assim facilitada a leitura do mapa e determinada a direção em que o praticante deve seguir, conforme o percurso traçado para chegar ao seu objetivo.



**Figura 12** – Bússola de Dedo



**Figura 13** – Bússola de Base Milimetrada

O percurso traçado no mapa descreve a rota mais curta para chegar a todos os pontos que são interligados entre si. O trajeto de um ponto a outro é chamado de “*Pernada*” ou “*Perna*”. A escolha da rota a ser seguida fica por conta do praticante que pode seguir no “*azimute*” que é rota mais curta (a linha de ligação dos pontos de controle) ou, por exemplo, se a rota mais curta, a do azimute passar por uma montanha, um lago, uma floresta muito fechada ou outro obstáculo, o praticante pode contorná-lo para alcançar o ponto de controle. A *Partida* é representada por um triângulo, cada *Ponto de controle (PC)* é representado por um círculo e a *Chegada* é representada por círculos concêntricos, todos são interligados por linhas contínuas (as linhas de azimute) com exceção em alguns casos como do último *PC* até a *Chegada*, em *Pernadas* difíceis para as categorias de novatos ou em trechos que podem causar grandes confusões são representados por linhas tracejadas o que significa que aquele trajeto (*Pernada*) está balizado. Todas as representações do percurso são discriminadas na cor magenta (lilás) sobreposta a área de competição do mapa.

É importante lembrar que a Orientação para fins de competição observa fatores de estágios de desenvolvimento, fisiológicos, sexo e grau de experiência de prática na atividade para regular as suas categorias. Para se entender as categorias é necessário saber o seguinte:

A faixa etária das categorias se coloca a cada 2 anos de 10 a 20 anos, logo em seguida temos a categoria de 21 anos, nesta categoria atletas de qualquer idade podem

se inscrever nela, mas dentro de sua experiência, entre N (Novato), B (Difícil), A (Muito Difícil) e E (Elite) e a partir de da categoria de 35 até 90 anos se dividem de 5 em 5 anos. E todas, claro, dentro do sexo (**D** – Damas e **H** – Homens) (**Tabela 1**).

<b>Categoria</b>	<b>Divisão</b>
H / D 10	Meninos / Meninas até 10 anos
H / D 12	Meninos / Meninas até 12 anos
H / D 14	Meninos / Meninas até 14 anos
H / D 16	Homens / Mulheres até 16 anos
H / D 18	Homens / Mulheres até 18 anos
H / D 20	Homens / Mulheres até 20 anos
H / D 21	Homens / Mulheres Qualquer Idade
H / D 35	Homens / Mulheres acima de 35 anos
H / D 40	Homens / Mulheres acima de 40 anos
H / D 45	Homens / Mulheres acima de 45 anos
H / D 50	Homens / Mulheres acima de 50 anos
H / D 55	Homens / Mulheres acima de 55 anos
H / D 60	Homens / Mulheres acima de 60 anos
H / D 65	Homens / Mulheres acima de 65 anos
H / D 70	Homens / Mulheres acima de 70 anos
H / D 75	Homens / Mulheres acima de 75 anos
H / D 80	Homens / Mulheres acima de 80 anos
H / D 85	Homens / Mulheres acima de 85 anos
H / D 90	Homens / Mulheres acima de 90 anos

**Tabela 1** – Categorias por sexo e idade

## 2.2. Resumo Histórico

A Orientação surgiu em meados do século XIX, por volta de 1850 nos países escandinavos e as suas raízes estão diretamente relacionadas com a vertente militar. As tropas realizavam entre si pequenos exercícios de Orientação terrestre chamados “*Orienteering*”, termo este do idioma sueco que de acordo com algumas literaturas não muito precisas surgiu pela primeira vez no ano de 1888 e que definia uma passagem por terras desconhecidas com a utilização de um mapa e uma bússola. Segundo FIGUEIREDO, “*era um exercício do exército da Suécia.*” (2003, p.387). Estes exercícios tinham como objetivos principais o reforço dos elos de camaradagem de todos os indivíduos, o fortalecimento do espírito de grupo e o entretenimento dessas tropas.

O “*Orienteering*” passou a ser uma competição com grande adesão no meio militar e teve seu primeiro evento realizado em maio de 1893 com oficiais da Academia Militar Sueca de Karlberg<sup>1</sup> nos jogos anuais denominados Stockholm Garrison em Estocolmo. Os civis conheceram a prática e rapidamente aderiram a ela e em 31 de outubro de 1897 realizaram a primeira competição civil<sup>2</sup> de “*Orienteering*” em Oslo na Noruega.

Já no século XX, a Orientação começou a dar os seus primeiros passos e a se firmar como esporte pelas mãos de Ernst Killander que é considerado o “*pai da Orientação.*”

Ernst Killander que era na época major do exército, líder de um grupo de escoteiros sueco e presidente da Associação Atlética Amadora de Estocolmo, começou a perceber na Orientação a possibilidade de trazer de volta os jovens que se afastavam da corrida e do atletismo para esta nova forma de correr.

<sup>1</sup> Uma das mais tradicionais instituições formadora de oficiais do exército da Suécia desde 1792, renomeada várias vezes, tendo nomes como: Real Academia Militar e Academia da Força. A sua nomenclatura atual se deve ao local de suas instalações no bairro de Huvudsta em Solna nos arredores de Estocolmo no Palácio de Karlberg que por sua vez teve o seu nome originado em Gabriel De La Gardie Karlberg que comprou aquelas terras em 1669 e criou uma luxuosa espécie de parque barroco, atuais instalações da Academia Militar de Karlberg. (<http://pt.wikipedia.org>)

<sup>2</sup> A competição foi organizada por um clube de esportes da Noruega chamado *Tjalve*. O percurso tinha 19,5 quilômetros e apenas 3 *Pontos de Controle* (PC). (<http://www.hickoksports.com/history/orienteering.shtml>).

Inspirando-se numa provável lenda, não se sabe a veracidade do fato, sobre a idéia de um matemático e maratonista do início do século que se sentia muito fadigado e entediado pela contínua repetição de gestos de longa duração ao realizar maratonas, resolveu montar antes de cada prova um problema matemático que levasse umas três horas para resolvê-lo enquanto corria, desse modo terminava a maratona menos cansado e entediado. Ao incrementar a leitura do mapa e da bússola na corrida, tirava-se o enfoque dos gestos repetitivos e passava a se ter uma *“ocupação mental enquanto corria.”* É atribuída à Orientação a expressão *“O correr enquanto se joga xadrez”*. Dessa forma Killander conseguiu trazer os jovens de volta e ter muitas outras adesões ao esporte.

Em 25 de março de 1919 deu-se a primeira competição oficial de Orientação, na denominada *“Corrida de Estocolmo”*, que teve como diretor de prova Ernst Killander. A prova ocorreu perto de Saltsjöbaden, contou com 217 inscritos, sendo que 155 efetivamente iniciaram o percurso e foi organizada pela Federação de Desportos de Estocolmo. A competição tinha uma extensão de 12 quilômetros e apenas 3 pontos de controle e foi considerada um autêntico sucesso. Killander continuou a desenvolver as regras e princípios do esporte.

Em 1932 ocorreu a primeira competição internacional entre suecos e noruegueses, em 1934, mais de 250.000 suecos praticavam regularmente a Orientação e esta se difundiu na Finlândia, Suíça, antiga União Soviética e Hungria e em 1936 se deu a criação da primeira sociedade nacional de Orientação sueca.

Em 1961 é fundada a Federação Internacional de Orientação (IOF), então constituída pelos seguintes países: Bulgária, antiga Tcheco-eslováquia, Dinamarca, Finlândia, antiga Alemanha (Oriental e Ocidental), Hungria, Noruega, Suécia e Suíça.

Em 1963 é lançada a primeira Publicação provisória do regulamento da IOF.

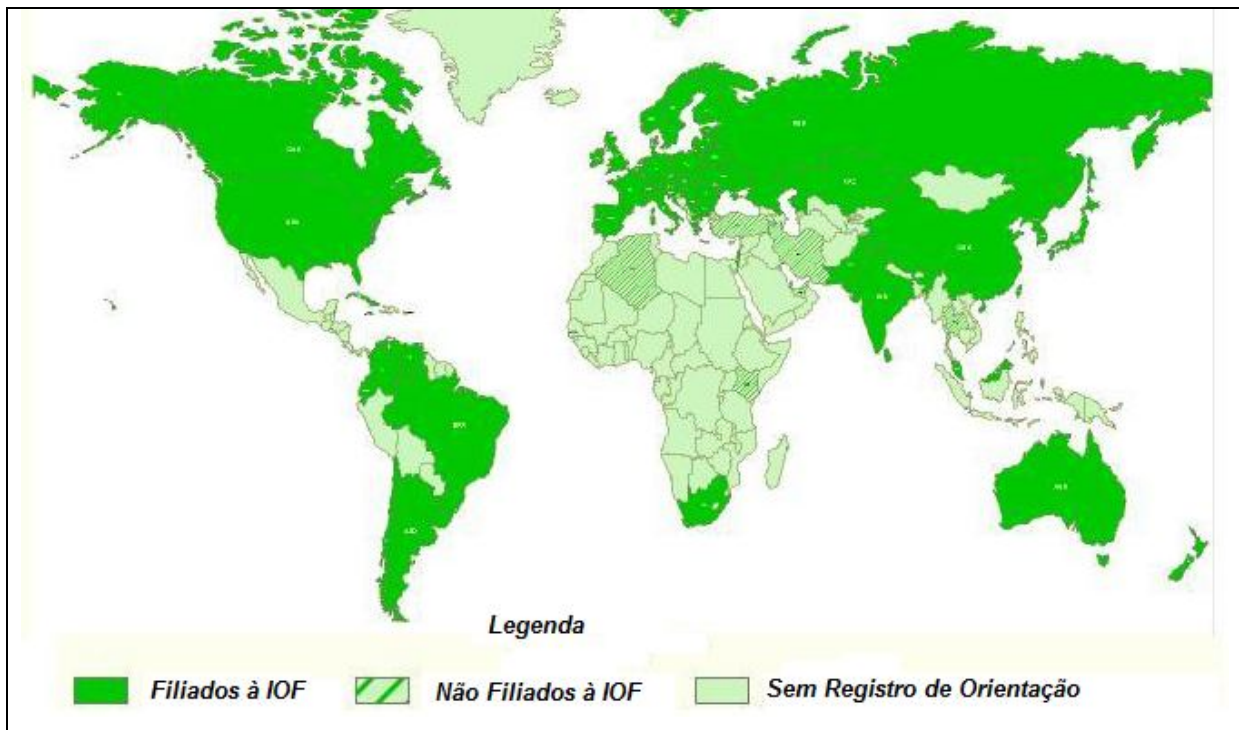
Em 1966, nos dias 1 e 2 de Outubro – Ocorre o Primeiro Campeonato do Mundo na Finlândia, disputado nos anos pares até 1978 e a partir de 1979 passou a realizar-se nos anos ímpares e desde o ano de 2001 realiza-se todos os anos.

Em 1977 a Orientação pedestre<sup>1</sup> é reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI).

Em 1986 é criada a Taça do Mundo de Orientação.

<sup>1</sup> Do termo *“Foot-O”* - *“Foot Orienteering”*, visto que a Orientação possui outras modalidades reconhecidas pela Federação Internacional de Orientação (IOF) como: Orientação em Bicicleta - (*“MTB-O”* *“Mountain Bike Orienteering”*), Orientação em Esquis - (*“Ski-O”* *“Ski Orienteering”*) e Orientação em Cadeiras de Roda, denominada em português de Orientação de Precisão - *“Trail-O”* *“Trail Orienteering”*. E ainda existem outras modalidades praticadas como: Orientação à Cavalo e Orientação de Canoas.

Em março de 2000 a IOF agrupa 56 países e atualmente conta com mais de 60 países filiados e vários outros com inclusão da Orientação (**Figura 14**).



**Figura 14** – Mapa Mundial da Orientação – <http://www.orienteeing-history.info/aoworld1.php>

No Brasil, apesar de a maioria das literaturas encontradas afirmarem que a Orientação no Brasil se iniciou a partir do final da década de 60 e início dos anos 70, segundo CRUZ, a prática da orientação aqui no Brasil vem sendo tentada desde o regresso dos nossos representantes à LINGÍADA<sup>1</sup> de 1949, onde esteve presente o Professor Alberto Colombo, ex-diretor da Divisão de Educação Física<sup>2</sup> do Ministério da Educação e Cultura, a quem se deve o estímulo para o estudo desse esporte e sua introdução no país (1960).

*Abro aqui um parêntesis para informar que um grupo de brasileiros, inscritos no Curso de Ginástica realizado na Suécia logo após a LINGÍADA de 1949 participou pela primeira vez de um "Cross Country Orientado" e superou a maioria das representações de outros países inscritos no certame (CRUZ, 1960, p. 6).*

<sup>1</sup> Em 1939 e em 1949 foram realizadas "LINGÍADAS", reuniões internacionais de proporções olímpicas, com número de participantes superior aos Jogos Olímpicos, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento da Educação Física em todo o mundo. Ao contrário das "OLIMPÍADAS", resgatadas a partir de 1896, de forma grandiosa, pelo fidalgo pedagogo francês Pierre De Frey, o Barão de Coubertin, realizadas dentro do espírito **competitivo**, nas LINGÍADAS suprimiu-se toda competição, havendo como desiderato a apresentação de experiências estéticas e pedagógicas nas diferentes modalidades de exercícios físicos concomitante à realização de cursos, congressos e outras atividades didáticas. Observa-se, então, no momento histórico atual das sociedades, com base em longa experiência prévia, a consolidação de dois princípios doutrinários relativos à prática das atividades físicas diferenciadas pela criatura humana: a *Educação Física Humanista* e a *Prática Desportiva Agonística*, caracterizando a luta do humanismo contra o treinamento exagerado, do desenvolvimento físico racional contra a alta especialização esportiva, do desporto-jogo contra a alta competição. Qual delas se impõe? Qual tem sido a referência da sociedade? Qual doutrina ocupa maior espaço social? <http://www.oswaldogalotti.com.br/materias/read.asp?id=663&Secao=109>

<sup>2</sup> A história institucional do esporte no Brasil teve início em 1937, quando, por intermédio da Lei nº 378 de 13/03/37, foi criada a DIVISÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA do Ministério da Educação e Cultura, que teve como seu terceiro Diretor o Professor Alfredo Colombo. Em 1970, a divisão foi transformada em DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, ainda vinculada ao Ministério da Educação e Cultura. Na sequência, em 1978, este departamento foi transformado em SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO, também ligado ao Ministério da Educação, que permaneceu até 1989. O Presidente Fernando Collor de Melo, em 1990, extingue a Secretaria ligada ao Ministério da Educação e cria a SECRETARIA DE DESPORTOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Após a saída do Presidente Collor, o esporte voltou a ser vinculado ao Ministério da Educação, com a SECRETARIA DE DESPORTOS. A partir de 1995, o esporte começa a ser mais priorizado. O Presidente Fernando Henrique Cardoso criou o Ministério DE ESTADO EXTRAORDINÁRIO DO ESPORTE. Em março do mesmo ano, esta secretaria é transformada em INDESP - Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, desvinculado do MEC e subordinado ao Ministério Extraordinário do Esporte. No dia de 31 de dezembro de 1998, foi criado o Ministério do Esporte e Turismo, pela Medida Provisória nº 1.794-8, pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, em seu segundo mandato, para o qual o INDESP passa a ser vinculado. Em outubro de 2000, o INDESP é extinto, substituído pela SECRETARIA NACIONAL DE ESPORTE. O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva criou um Ministério próprio para o Esporte.

Em 1970 três militares das Forças Armadas foram a Europa como observadores nas competições de Orientação do IV Campeonato do CISM (International Military Sports Council).

Em 1971, o Brasil Competiu no V Campeonato do CISM, realizado na Noruega, obtendo o 9º lugar entre 11 concorrentes. No país o Coronel Tolentino Paz, pioneiro na Orientação, organizou as primeiras competições militares no Brasil.

Entre os anos de 1972 e 1974 a CDFA (Comissão Desportiva das Forças Armadas) organizou campeonatos de Orientação das Forças Armadas, sendo o primeiro no Rio de Janeiro e os outros dois em Brasília, foram usadas cartas topográficas o que revestiu-se de grande importância, pois aprimorou o nível técnico.

Em 1974 Oficiais das Forças Armadas cursaram um estágio, realizado em Forsakar, na Suécia, a fim de obter subsídios para a realização de um evento semelhante a ser realizado do Brasil em 1975. O esporte Orientação foi incluído no currículo da Escola de Educação Física do Exército, EsEFEx, sendo uma disciplina obrigatória. Sua inclusão ocorreu através do Ministério de Educação e Cultura, MEC. Nesta Escola, neste mesmo ano, é editada a primeira publicação técnica brasileira sobre o esporte orientação.

Em 1983 foi realizado em Curitiba, PR, o XVII Campeonato Mundial Militar de Orientação que contribuiu para o desenvolvimento do esporte entre os militares e civis brasileiros, tendo em vista que foi realizado um estágio para professores, como parte do programa do evento com a finalidade de difundir a Orientação, estabelecendo uma norma geral de procedimentos e uniformidade de atitudes, interpretações e condutas.

Em 1986 e 1987 o Professor de Educação Física Leduc Fauth, acompanhado dos suecos Ulf Levin e Göran Öhlund, realizou uma campanha de divulgação do esporte em todo o Brasil realizando atividades de Porto Alegre a Manaus.

Em 1989 foi realizado em novembro, na EsEFEx (Escola de Educação Física do Exército) o I Encontro Brasileiro de Orientistas, com a finalidade de criar Clubes, Federações e a Confederação Brasileira de Orientação, visando incrementar a difusão e a padronização de competições em âmbito nacional, apoiados pela IOF.

Em 1991 o Brasil participou em Borås, Suécia, do 24º Campeonato Mundial Militar de Orientação. Alguns integrantes da equipe brasileira visitaram clubes e participaram das competições e ao retornarem organizaram competições abertas ao público civil e fundaram o COSM – Clube de Orientação de Santa Maria. O COSM iniciou um trabalho de desenvolvimento do desporto na cidade de Santa Maria, iniciando assim um movimento de expansão por todo o Estado do Rio Grande do Sul e apoiando a fundação



de outros clubes. Também em 1991, foi fundado em Porto Alegre o ORIENTEER – Clube de Orientação, com registro nos órgãos oficiais em 1992.

Em 1992 o ORIENTEER – Clube de Orientação organizou a I Competição Civil de Orientação de Porto Alegre que foi amplamente divulgada nos meios de comunicação, principalmente televisiva. Em 02 de maio de 1992 na cidade de Santa Maria - RS foi realizada a primeira competição oficial de orientação organizada por um clube de Orientação brasileiro: o “I Campeonato Gaúcho de Orientação”, que contou com a participação de 275 atletas. A referida competição foi organizada pelo Clube de Orientação de Santa Maria (COSM).

Em 1994 o “WWOP” (World Wide Orienteering Promotion), Instituição promotora do esporte Orientação no mundo e fundada em 1984, enviou para o Brasil o sueco Arto Rautiainen que colaborou na confecção de um mapa conforme a Convenção Internacional para Mapas de Orientação. Este mapa foi usado em 1995 para a realização do I Campeonato Sul-Americano de Orientação, em Santa Maria – RS e contou com a participação de mais de 400 atletas e serviu de estímulo para a realização de competições regionais no Brasil. Com apoio da WWOP, alguns brasileiros participaram dos cursos da Federação Internacional de Orientação - IOF, o que possibilitou uma melhor qualidade nas competições no Brasil.

Em 13 de janeiro de 1996, estando já organizado o esporte no Rio Grande do Sul, foi fundada a FGO - Federação Gaúcha de Orientação, na cidade de Caxias do Sul-RS, com reunião dos membros dos Clubes ORIENTEER, COSM, RVCO (Rumo Verde Clube de Orientação) e o TRAMONTANA Clube de Orientação.

Em 1998 A FGO organizou o primeiro Campeonato Brasileiro Universitário em Santa Maria-RS. Neste estágio o interesse pelo esporte demonstrava crescimento, sendo disciplina em algumas Universidades e escolas, destacando-se no Rio Grande do Sul o município de Cachoeira do Sul que a implantou a orientação no currículo escolar da rede municipal. Em Cintra, Portugal, através da FGO e da AFO-DF (Associação Floresta de Orientação) do DF, o Brasil passou a ser membro da Copa de Orientação dos Países Latinos, juntamente com Portugal, Espanha, Itália, França, Bélgica e Romênia.

Em 11 de janeiro de 1999 na cidade de Guarapuava, PR, foi fundada a Confederação Brasileira de Orientação – CBO, a qual passou a administrar o desporto Orientação no Brasil. Em 24 de Abril o COLB (Clube de Orientação Lobo Bravo) de Guarapuava, PR, organizou a primeira prova Oficial da CBO (I Etapa do Campeonato Brasileiro de Orientação). Na reunião do Conselho da IOF realizada de 2 a 7 de agosto de 1999 na cidade de Inverness, Escócia, UK , o Brasil foi aprovado como Membro de Pleno

Direito da IOF. O Brasil participou da Taça Mercosul, da Copa dos Países Latinos em Santiago de Compostela na Espanha e no Parque Saint Hilaire, em Viamão-RS, foi realizada uma prova de Orientação nos 31º Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul, com participação de quatorze municípios e noventa e quatro atletas.

Em 20 de Dezembro de 2000 a Assembléia Geral do Comitê Olímpico Brasileiro concedeu vinculação a Confederação Brasileira de Orientação junto ao COB.

Atualmente a CBO conta com mais de 11.000 filiados, mais de 100 clubes e várias federações, promovendo em todo o país várias competições municipais, estaduais, nacionais e internacionais. E ainda possui uma Comissão Científica formada por Professores Doutores e Mestres (**Tabela 2**) que realiza trabalhos de pesquisa em prol da Orientação.

Nome	Currículo
LEOPOLDO SCHONARDIE FILHO	Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil; Mestre em Educação Física pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil; Especialização em Técnicas Desportivas pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Brasil; Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade de Cruz Alta, UNICRUZ, Brasil;
RODRIGO DE SOUZA POLETTI	Doutor em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil; Mestre em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil; Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil;
GUSTAVO DE REZENDE CORRÊA	Doutorando em Neuroimunologia (Biofísica), pela Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil; Mestre em Neuroimunologia (Biofísica), pela Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil; Graduado em Licenciatura em Educação Física, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil;
MARCELO PEREIRA MARUJO	Mestre em Educação pela, Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRGN, Brasil; Bacharel em Administração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil; Curso Técnico de Educação Física pela Escola de Educação Física da Marinha – CEFAN, Brasil;
LIDIANE ESTEVAM LIMA MARUJO	Mestre em Educação pela, Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRGN, Brasil; Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Santa Doroteia, FFSD, Brasil.

**Tabela 2** – Comissão Científica da Confederação Brasileira de Orientação

### 2.3. Escolas de Orientação

Para que a prática da Orientação seja efetivada nas aulas de Educação Física Escolar é necessária a observação de um ponto importante que é a introdução da disciplina nos currículos universitários para a formação de professores de Educação Física aos moldes que ocorreu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) nos anos de 2001 e 2002 em que a disciplina com caráter eletivo foi ministrada pelo professor José Otávio Franco Dornelles, atual presidente da Confederação Brasileira de Orientação (CBO) ou segundo PASINI, nos estabelecimentos de ensino superior atualmente que possuem Orientação no currículo: Faculdade Assis Gurgacz em Cascavel-PR, Universidade Federal de Santa Maria em Santa Maria-RS, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro no Rio de Janeiro-RJ (2004, p. 219).

Após a fundação da CBO em 1999 foi desenvolvida pela sua diretoria a Política Nacional para o Desenvolvimento do Esporte Orientação (PNDO), tendo como proposta para a vertente pedagógica do esporte o Projeto Escola Natureza, que visa inserir nos currículos escolares, em todos os níveis, o desporto Orientação, como atividade capaz de agir na formação integral de crianças, jovens e adultos, dentro de uma perspectiva de educação continuada. Ao aplicar o projeto a CBO apoiou algumas instituições na inserção do esporte nos currículos, das quais cita-se o Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul nos anos de 2001 e 2002, Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria em 2004. Através deste projeto a CBO apoiou instituições como a Escola Lélia Ribeiro de São Martinho da Serra, Secretaria Municipal de Educação de Curitiba-PR e de Canela-RS, em programas de capacitação de professores no esporte.

Segundo (DORNELLES) no projeto Escola Natureza:

*O primeiro país a incluir o desporto Orientação nos currículos escolares foi a Suécia em 1935. Essa iniciativa foi seguida pelos demais países nórdicos e Grã-Bretanha, com uma experiência de mais de 25 anos e mais recentemente, entre 10 a 15 anos, França, Alemanha, Áustria, Itália, Portugal, Espanha etc. Nesses países, onde a Orientação já tem mais anos de implantação, comprovou-se a interdisciplinaridade dessa modalidade, permitindo uma ampla integração nas várias áreas de ensino, o desenvolvimento de capacidades psicológicas, a formação e educação ambiental, bem como o gosto pela prática desportiva (DORNELLES, 2000, p.8)*

Segundo o site britânico <http://www.britishorienteering.org.uk/page/schools>, acessado durante o mês de abril de 2011, uma pesquisa realizada nas escolas britânicas para se verificar o percentual de escolas que ofereciam o esporte Orientação no seu currículo escolar, demonstrou que 61% destas ofereciam e ainda que em uma lista de atividades esportivas praticadas nas escolas a Orientação alcançou a décima sexta posição da aprovação pelos alunos, isto sem levar em conta de a atividade ser um esporte outdoor/aventura, pois entrando nesta lista passaria a posição de décima segunda.

A partir de 1999 o esporte orientação passou a integrar as competições desportivas dos Colégios Militares e o conseqüente ensino da disciplina.

Além das cidades de Livramento, Santa Maria, Ijuí, Curitiba, Cascavel, Cachoeira do Sul, São Gabriel, Rio de Janeiro, cidades nos estados do Mato Grosso do Sul e da Bahia, muitas outras realizaram ou realizam atividades do esporte orientação no sistema educacional.

### 3. ESPORTE ORIENTAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

#### 3.1. Papel da educação Física

Segundo FILHO a Educação Física possui vários aspectos que podem se classificar: como um conjunto de práticas sistematizadas, como um componente dos currículos educacionais formais, enquanto prática social numa caracterização baseada através de uma perspectiva transformadora e como área de conhecimento (2008).

Sob estes aspectos a Educação Física tem como perspectiva fundamental e principal, a formação e desenvolvimento do ser humano através do movimento, por ser o denominador comum de diversos campos sensoriais e que se dá a partir da integração entre a motricidade, a emoção e o pensamento. No caso específico da educação física, esta possui ferramentas valiosas para provocar estímulos que levem a esse desenvolvimento de forma bastante prazerosa: a brincadeira, o jogo e o esporte. O profissional de educação física ao trabalhar na educação infantil deve conhecer os estágios do desenvolvimento dessa fase, para proporcionar os estímulos adequados a cada etapa. Agindo dessa forma, o desenvolvimento será mais harmônico no campo motor, cognitivo e afetivo-social, trabalhando assim o ser na sua forma integral. A evolução infantil obedece a uma seqüência motora, cognitiva, e afetiva-social que ocorrerá de forma mais lenta ou mais acelerada, de acordo com os estímulos recebidos.

Os esportes utilizados como ferramentas educacionais e de interações sociais, que facilitam a aprendizagem e inserem o aluno na sociedade como cidadão já vem acontecendo há vários anos. Não é um assunto novo e já possui uma literatura farta e de boa qualidade. Esta interação, ensino, esporte e cidadão força o governo a assumir políticas voltadas ao esporte e a investir nas modalidades desportivas desenvolvidas nas escolas. A importância dada pelo governo da relação esporte-formação da cidadania pode ser verificada na própria Constituição da República Federativa do Brasil na qual é destinada uma seção apenas para o Desporto onde pode se destacar o seguinte:

*[...] “a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional, e, em casos específicos para a do desporto de alto rendimento [...]”, constante da Seção III, do Capítulo III (Da Educação, da Cultura e do Desporto), Inciso II do Artigo 217. (Constituição da República Federativa do Brasil 1988, p.98).*

O cerne do problema se foca no aspecto de como efetivamente a política de incentivo às atividades esportivas e estas postas em prática podem promover o exercício da cidadania e a inserção do cidadão na sociedade.

Temos verificado ultimamente através da mídia, atletas profissionais mostrando-se irresponsáveis, desrespeitosos e até se envolvendo com o tráfico de drogas e assassinatos e estes são atletas profissionais, então onde se comprova a relação do esporte com a construção da cidadania?

Ainda hoje em dia ouve-se dizer que “é preciso se estudar para ser alguém na vida”, mas este “ser alguém na vida” representa um papel agregador mercadológico da educação, principalmente em sociedades capitalistas como a o Brasil, de qualificar o indivíduo para o mercado de trabalho e para o capital em detrimento da formação humana e desenvolvimento da cidadania.

No livro “O Valor Econômico da Educação” o autor em sua tese do Capital humano diz que a educação está reduzida à qualificação profissional e preparação para o mercado de trabalho SCHULTZ (1967).

Numa análise séria sobre a efetividade do cumprimento do papel da Educação Física principalmente no ensino fundamental, nota-se que, a predominância dos conteúdos está relacionada aos esportes, sendo os que têm maior receptividade aos planejamentos dos professores, são os esportes de quadra: Voleibol, Handebol, Futsal e Basquetebol. Estes têm grande popularidade, em grande parte devido à mídia, à uma forma futura de emprego ou são os mais conhecidos e, portanto, de domínio do professor.

*A dimensão da crítica diz respeito à função do esporte que acontece na escola, sustentando-se, por um lado na idéia de que o esporte que acontece na escola está a serviço da instituição esportiva, na revelação de atletas, constituindo-se na base da pirâmide esportiva e, por outro lado, na dimensão axiológica, nos valores que ele transmite, perpassa e constrói. A escola, por meio da educação física, estaria assumindo os códigos, sentidos e valores da instituição esportiva (ASSIS apud OLIVEIRA, BARROSO e JUNIOR, 2008, p. 2).*

O esporte com certeza não é o único recurso metodológico que a Educação Física escolar tem; o homem é um ser cultural, e este, tem um repertório corporal capaz de jogar, dançar, lutar, brincar, etc. O esporte por sua vez, deve então, considerar as potencialidades deste homem e não reduzi-lo a um reproduzidor de normas, deve permitir reconstrução de normas, aprendizado, questionamento.

Para isso, é bom lembrar de alguns significados do que venha a ser “pedagogia”, “práxis” e interdisciplinaridade”. Segundo a Wikipédia:

*A palavra “Pedagogia” tem origem na Grécia antiga, paidós (criança) e agogé (condução). No decurso da história do Ocidente, a Pedagogia firmou-se como correlato da educação é a ciência do ensino. Entretanto, a prática educativa é um fato social, cuja origem está ligada à da própria humanidade. A compreensão do fenômeno educativo e sua intervenção intencional fez surgir um saber específico que modernamente associa-se ao*

termo pedagogia. Assim, a indissociabilidade entre a prática educativa e a sua teorização elevou o saber pedagógico ao nível científico.

**“Praxis”** (do grego *πράξις*), em seu sentido amplo, é a atividade humana em sociedade e na natureza. Na pedagogia, práxis é o processo pelo qual uma teoria, lição ou habilidade é executada ou praticada, se convertendo em parte da experiência vivida. Enquanto que no ensino uma lição é apenas absorvida em nível intelectual no decurso de uma aula, as ideias são postas à prova e experimentadas no mundo real, seguidas de uma contemplação reflexiva. Desta maneira, os conceitos abstractos ligam-se com a realidade vivida. A práxis é usada por educadores para descrever um panorama recorrente através de um processo cíclico de aprendizagem experimental.

Na prática a **“interdisciplinaridade”** é um esforço de superar a fragmentação do conhecimento, tornar este relacionado com a realidade e os problemas da vida moderna. Muitos esforços tem sido feitos neste sentido na educação. Na ciência, por sua vez, os esforços estão na busca de respostas, impossíveis com os conhecimentos fragmentados de uma única área especializada.

Na educação básica: Muitos projetos e práticas tem sido adotados, sobretudo nos terceiro e quarto ciclo e ensino médio, numa tentativa de superar a fragmentação do conhecimento e criar uma relação entre o conhecimento e a realidade do aluno.

No nível superior: Há um destaque maior para a interdisciplinaridade, dadas as questões da reforma do nível superior e o desafio de formar profissionais melhor preparados.

A interdisciplinaridade está presente na educação desde que começou a ser aplicada na ciência. Sua função é superar a fragmentação do conhecimento, a falta de uma relação deste com a realidade do aluno e a fragmentação do conhecimento escolar, visto que, alegoricamente falando, a mente do aluno é parecida com um armario arquivo, sobretudo a partir do terceiro ciclo, quando professores diferentes ministram as disciplinas diferentes, entra o professor de matemática, abre-se o arquivo, retira-se o material desta disciplina. Entrando o professor de historia, guarda o material de matematica, e assim sucessivamente, como se uma disciplina não tivesse relação nenhuma com a outra, e pior do que isso, ao sair da escola, o aluno guarda todo o material do arquivo utilizado na escola e pega a pasta "realidade", uma vez que todas as demais não tem relação nenhuma com esta ultima.(WIKIPÉDIA, <http://pt.wikipedia.org>, acesso em abril de 2011)

E ainda segundo MENEZES sobre **“Transversalidade”** no Dicionário Interativo da Educação Brasileira:

**“Transversalidade”**, termo que, na educação, é entendido como uma forma de organizar o trabalho didático na qual alguns temas são integrados nas áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas. O conceito de transversalidade surgiu no contexto dos movimentos de renovação pedagógica, quando os teóricos conceberam que é necessário redefinir o que se entende por aprendizagem e repensar também os conteúdos que se ensinam aos alunos.

A partir da elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, foram definidos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que, por sua vez, orientam para a aplicação da transversalidade. No âmbito dos PCNs, a transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na realidade e da realidade). Não se trata de trabalhá-los paralelamente, mas de trazer para os conteúdos e para a metodologia da área a perspectiva dos temas. Dessa forma, os PCNs sugerem alguns “temas transversais” que correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo e Pluralidade Cultural.

A transversalidade se difere da interdisciplinaridade porque, apesar de ambas rejeitarem a concepção de conhecimento que toma a realidade como um conjunto de dados estáveis, a primeira se refere à dimensão didática e a segunda à abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento. Ou seja, se a interdisciplinaridade questiona a visão compartimentada da realidade sobre a qual a escola se constituiu, mas trabalha ainda considerando as disciplinas, a transversalidade diz respeito à compreensão dos diferentes

*objetos de conhecimento, possibilitando a referência a sistemas construídos na realidade dos alunos. (MENEZES, 2002).*

Como referencial para a aplicação das aulas da disciplina Educação Física, tem-se no Brasil os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que auxiliam com questões e objetivos que devem ser abordados durante os ciclos escolares.

Os PCN trazem objetivos para a disciplina Educação Física, onde podemos citar alguns:

- *Participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais;*
- *Reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de recuperação, manutenção e melhoria da saúde coletiva;*
- *Solucionar problemas de ordem corporal em diferentes contextos regulando e dosando o esforço em um nível compatível com as possibilidades, considerando que o aperfeiçoamento e o desenvolvimento das competências corporais decorrem de perseverança e regularidade e devem ocorrer de modo saudável e equilibrado;*
- *Conhecer, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade básica do ser humano e um direito do cidadão. (BRASIL, 1997, vol. 7, p.43).*

O grande desafio da educação física da escola é promover aprendizado significativo e relevante para o cotidiano do aluno. Os PCN trazem um módulo específico para tratar da transversalidade e da interdisciplinaridade e definem como transversalidade:

*Possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). (BRASIL 1997, vol. 8, p. 40).*

E discorre sobre Interdisciplinaridade:

*Questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento, produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles - questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu. Refere-se, portanto, a uma relação entre disciplinas. (BRASIL, 1997, vol. 8, p. 40).*



### 3.2. Benefícios do Esporte Orientação

Muitos são os benefícios que a Orientação pode proporcionar.

Tratando o ser humano como um complexo físico-psíquico, (HOWARD GARDNER *apud* PASINI), ao desenvolver a Teoria das Inteligências Múltiplas, dividiu a cognição humana em sete esferas: lingüística, lógico-matemática, físico-cinestésica, espacial, intrapessoal, musical e interpessoal. Recentemente, se adicionou a lista, a inteligência naturalista (2004). Destas inteligências, seis são desenvolvidas e aprimoradas pela prática da Orientação, a saber:

- a inteligência lógico-matemática, ao envolver o uso de ângulos referenciados no Norte Magnético e o uso constante da transformação de distâncias gráficas em numéricas. Dados que serão usados nos deslocamentos em caminhada ou corrida;

- a inteligência espacial, pelo fato de as formas do relevo estarem desenhadas no mapa através de curvas de nível, obrigando a construção mental do terreno em três dimensões;

- a inteligência físico-cinestésica, ao envolver o corpo, como um todo, em movimentos complexos que lhe proporcionarão, de forma diversa, as habilidades fundamentais de movimento, seja na esfera locomotora, estabilizadora ou manipulativa. A riqueza de possibilidades de movimento, gerada em uma prova de Orientação, fortalecerá, ainda, o domínio físico-cinestésico das noções de esforço, de espaço e de relação;

- a inteligência linguística, pois ao ser capaz de interpretar, traduzir e utilizar os sinais, símbolos e cores do mapa de Orientação, se está alfabetizado em mais um "idioma", as "Especificações Internacionais para Mapas de Orientação" (*International Specification for Orienteering Map – ISOM*). Frutos disso, outros canais de comunicação simbólica terão abertura para serem compreendidos com facilidade;

- a inteligência intrapessoal, uma das mais desenvolvidas, pois, ao realizar um percurso de Orientação, o atleta é capaz de ter acesso aos seus sentimentos mais íntimos: medo versus coragem, indecisão versus decisão, vontade, perseverança, etc. Tais sentimentos conduzirão a aflorar habilidades psicofísicas que possibilitam a solução do problema apresentado pelo mapa. A dificuldade encontrada ajudará, ainda, o atleta a formular uma imagem de si próprio, equacionando suas fraquezas e suas virtudes;

- a inteligência naturalista integra-se ao processo, pois o mapa de Orientação representa o mundo natural. A posse do mapa e sua manipulação geram uma atitude de

respeito e responsabilidade, a qual transcende os preceitos de conservação e atinge grande afetividade com a natureza e intimidade com o terreno.

Logo, se a complexidade da existência determina domínio e controle das intenções em um confronto de inteligências, a Orientação tem lugar de destaque para o sucesso dessa empreitada.

A prática da Orientação pode ensinar jovens e adultos a se conduzirem na vida, já que é um jogo estratégico de guerra no espaço real, com um mapa a ser interpretado e um itinerário, onde cada um é o senhor de si para decidir e resolver problemas, com a missão de chegar ao destino mais rapidamente e vencer. Assim estaria desenvolvendo a capacidade de defender, atacar, decidir, mesmo que ludicamente, contra um suposto inimigo, mesmo que esta luta seja contra si próprio.

*Há que ser lembrado que diversas atividades, outrora consideradas tipicamente guerreiras, expandiram-se em sua prática, tornando-se atividades desportivo-educativas de grande valor: é o caso da Orientação, na qual se aplicam principalmente competências espaciais, lógico-matemáticas, corporais-cinestésicas e naturalistas – pois nesta modalidade desportiva, o praticante deve percorrer um trajeto navegando no terreno auxiliado por uma carta topográfica e uma bússola. (CAMARGO apud MELLO e SILVA, 2004).*

*Todas as Provas de Corridas (100m, 200m, 400m, com barreiras ou obstáculos), que são realizadas em pistas de estádios cobertos ou não e fora destes (corridas de rua, corridas rústicas, Maratonas), são de origem guerreira, pois eram usadas com fins de treinamento militar. As Provas de Campo (arremessos, lançamentos e saltos) também têm a mesma origem: os campos de batalhas da Antigüidade (FERNANDES apud MELLO e SILVA, 2003)*

### 3.3. Proposta ao Currículo Escolar

A proposta para que a Orientação faça parte do conteúdo das aulas de Educação Física escolar nasce além do fato de sua carga pedagógica e de possibilidade da efetivação de uma interdisciplinaridade, volta-se também ao fato de que segundo SOARES *apud* OLIVEIRA, BARROSO e JUNIOR, ainda em muitas escolas as aulas de Educação Física são meras reproduções das aulas aplicadas em clubes de formação de atletas, tendência essa que se manifesta desde a década de 40 quando o movimento de massificação do esporte se inicia dando prioridade ao esporte nos conteúdos das aulas de Educação Física (2008).

Esta tendência de esportivizar a Educação Física escolar, conforme COLETIVO DE AUTORES esteve muito forte até a década de 80 quando surge uma nova, que procura entender o homem como ser cultural e que tem no movimento uma forma de expressão e de aprender. Este movimento chama esta área de estudo de cultura corporal. (1992).

Mas esta cultura corporal não se firmou nas instituições devido ao sucesso do movimento de massificação do esporte aplicado anteriormente.

É neste cenário que a Orientação entra como uma possibilidade para a mudança do status quo, propondo uma pedagogia interdisciplinar orientada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Como se observa no exemplo da estória criada por PASINI em seu livro *Corrida de Orientação: Esporte e Ferramenta Pedagógica para o Ensino* sobre o ensino de História com a utilização da Orientação:

*[...] ao andar pelas colinas o grupo de alunos denominado "O VALE" se depara com uma vala seca artificial. O professor denominado "GENIAL" pára e começa a explicar:*

*"- Bem, meninos. Isto é uma vala seca. No mapa de Orientação ela é traçada na cor marrom, como vocês podem observar nos mapas que estão com vocês..."*

*Neste momento Cristiana que é a mais perguntadora da turma, interrompe:*

*"- Professor, por que esta vala é quadrada, tão certinha?"*

*Zito o mais falador solta uma das suas:*

*"- É para guardar a cabeça do Juliano que é quadrada!"*

*O educador acalma o princípio de discussão da juventude e tece comentários sobre o motivo da construção, que é o de dividir a área, limitar terrenos e sobre a época que foi construída, possivelmente por escravos. Mais adiante encontram um muro feito de pedra sobre pedra. Novamente o educador passa aos educandos que aquilo foi construído por escravos para separar fazendas e ensina a sua representação no mapa de orientação. [...].*

*[...] "Esta é a bússola." – Fala o professor erguendo a mesma. "Ela é usada para saber a direção, como o astrolábio." Nos momentos seguintes ele explica a história:*

*"O astrolábio é um aparelho portátil, de uso antigo, a que se recorria para a Orientação através da medição da altura do sol e das estrelas em relação ao nível do mar. A partir daí determinava-se a latitude, ou seja, a distância para o norte ou para o sul a partir da linha do equador que é uma linha imaginária que dividi a terra ao meio. A origem do astrolábio é árabe e foi muito utilizado durante as grandes navegações.*

*Cristiana levanta o dedo indicador e pergunta, com a testa franzida: “A bússola é uma invenção árabe também?” O professor faz uma negativa com a cabeça e explica:*

*“Não. Uma bússola muito antiga foi inventada pelos chineses e era usada cerca de 3000 anos atrás. Porém ela foi introduzida na Europa pelos árabes.*

*Juliano o menino que gosta de ler, ergue o próprio mapa de Orientação e pergunta: “A bússola é importante. Mas a invenção do papel é muito mais!”*

*Zito solta outra gargalhada. Todos olham para ele.*

*“O mudinho falou! O mudinho falou!”*

*O Professor Genial desaprova a brincadeira. “Pare com isso Zito!” Você tem razão Juliano. Não digo que seja mais importante, mas o papel é muito importante. O papel inicialmente tinha outro formato e nome que era papiro e foi inventado pelos egípcios por volta de 4200 anos atrás e era uma espécie de pergaminho que por sua vez era uma pele de animal, geralmente de cabra, carneiro ou ovelha que se preparava para escrever. O papiro era feito através de uma planta aquática existente no Rio Nilo que passa no Egito e que também se chama papiro. Cerca de 2000 anos depois, um chinês chamado Tsai Lun aperfeiçoou a maneira como era feito e criou o papel propriamente dito.*

*Maria pergunta: “Eles que colocaram estas tintas lindas no papel?” “Não Maria”. Diz Genial. A história possui diversas fontes. A mais aceita é a de que um alemão por nome Johann Gutemberg criou a imprensa, uma espécie de impressora manual para fixar as cores no papel, mas isso foi bem depois, há aproximadamente 600 anos atrás. Nossos mapas de hoje foram elaborados graças as impressões manuais dos antigos. Se não fosse eles a tecnologia não teria avançado. Bem! Vamos continuar nossa caminhada, pois temos muito que aprender. [...]. (PASINI, 2004, p. 130-132, com adaptações)*

Através da Orientação pode-se realizar a relação de justificativa, colocando a importância dos conteúdos do que se aprende nas disciplinas e suas utilidades na vida prática – a práxis.

Afirma-se a utilização da Orientação como uma eficiente ferramenta pedagógica para a efetivação do aprendizado do aluno. A Orientação tem a necessidade de se expandir para além das paredes da sala de aula e isso é fator determinante na função pedagógica que através das relações das disciplinas aprendidas pelos alunos em sala de aula e colocadas em prática com a utilização da Orientação, promovem a efetivação da transversalidade e da interdisciplinaridade. Verifica-se este fato pela confirmação de que a prática da Orientação requer a abordagem e conhecimento de várias disciplinas e nesse aspecto tem-se outro ponto importante, o de que a Orientação não é apenas mais um esporte a ser ensinado pelos professores e aprendido pelos alunos, mas uma excelente ferramenta para a lapidação e desenvolvimento do cidadão, objetivos orientados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino e o aprendizado nas escolas.

A Orientação não trabalha apenas o corpo, mas a mente deve acompanhar todos os passos do movimento para a sua realização, a mente não fica ociosa enquanto o corpo se move.

A Orientação se transversaliza e interdisciplinariza com várias disciplinas, pode-se citar algumas como por exemplo:

- a Geografia através da leitura de mapas, simbologias, escalas, uso da bússola, formas do relevo e outros;

- a Matemática através da transformação de escalas (do mapa para o terreno), avaliação de distâncias (pelo passo aferido<sup>1</sup>, ou seja, a relação entre o número de passos para 100 metros de cada indivíduo), angulação (pelo azimute que é o ângulo formado pelo norte magnético e a direção a ser seguida e pode ser reto, agudo ou obtuso) e outros;

- a Língua portuguesa através do aprendizado de novas terminologias como talvez, espigão, azimute, talude, charco, pavimentado e outros;

- a História através do estudo dos locais da competição, da praça, enfim do local onde se realiza a atividade, estudo da origem dos mapas, da bússola e outros e;

- a Ecologia através da verificação in loco da natureza, áreas preservadas, áreas desmatadas, praças e áreas da escola.

A Orientação é uma forma alternativa relativamente barata de levar os alunos para fora dos muros da escola para o meio natural para que assim, estes realmente conheçam o que é uma árvore, uma depressão, uma erosão. Pode parecer um tanto estranho, mas existem crianças e até mesmo adultos que nunca estiveram em um meio natural e acreditam, por exemplo, que uma árvore ou mata é apenas aquela que talvez exista numa praça ou área próxima a sua casa e não conhecem o verdadeiro esplendor de árvores de grande porte ou matas extensas com todas as suas riquezas vegetais, animais e minerais.

Levando para o lado da competição, aqui mesmo no Brasil existe o Campeonato Brasileiro Estudantil e Universitário de Orientação (CBEUO) possibilitando a participação das crianças e jovens nas competições e realizando turismo, mesmo que para localidades próximas, pois isto promove um crescimento pessoal pelo contato de culturas, comidas e locais diferentes.

De acordo com o artigo *“Desporto em destaque: Orientação”*, este esporte capacita os alunos à:

*Se motivarem a sempre enfrentar um desafio novo ao encarar caminhos desconhecidos, aprender a arte, muitas vezes confusas, de leitura de mapas e de como usar uma bússola, tomar decisões, fortalecer o trabalho em equipe e aumentar a capacidade de negociação, quando os alunos são trabalhados em grupo e desenvolver um senso de independência quando trabalhados individualmente. (SYMONDS 2008).*

<sup>1</sup> Ao iniciar na orientação o praticante “afere” a sua contagem de passos para 100 metros. Realiza o percurso várias vezes e contando os seus “passos duplos” (a cada vez que o mesmo pé toca o solo, se realiza uma contagem). Após repetidas vezes, faz-se uma média para se obter o número de passos duplos realizados na distância de 100 metros. A partir daí é só transportar os valores para as escalas e distâncias diferentes.

### 3.4. Relato de Experiência

Primeiramente gostaria de abordar sobre a fase inicial dos trabalhos para a monografia. Como todo novato, passavam-se várias idéias pela cabeça e não conseguia decidir por qual assunto escolher para realizar a monografia, pois dentro do esporte e da educação muitos assuntos me interessam e me conduzem a pesquisas, mas no fundo sempre desejei realizar um trabalho sobre o esporte Orientação, afinal é um esporte que conheço há mais de vinte anos e desde a primeira vez que completei um percurso, me apaixonei pela atividade.

Com o aproximar do fim do curso de Educação Física e o encurtamento do tempo, me decidi, comecei a escrever sobre a Orientação sob o foco da educação, afinal a educação foi o ponto que passei a entender e valorizar principalmente nos semestres finais do curso e então iniciei os trabalhos e de uma forma acertada, pois de acordo com os ensinamentos dos mestres e de algumas literaturas sobre confecção de trabalhos de conclusão, estes devem ser preferencialmente de uma área que conheçamos e gostamos.

Talvez aí pudesse haver um problema porque sou apaixonado pela atividade, mas alguém que pretensamente se coloca a propor idéias principalmente relativas à educação que é a base fundamental da formação cidadã, deve se abster da paixão e ter a responsabilidade de se esforçar para estruturar idéias palpáveis, concretas e com possibilidades de efetivação e foi nesta linha que envidei esforços para a realização do trabalho.

Visto isso, gostaria de relatar sobre o uso da Orientação como ferramenta durante o meu estágio obrigatório numa escola de ensino fundamental.

É bom deixar claro que relutava bastante em realizar o estágio, pois já havia passado por dois semestres ministrando aulas para crianças nas disciplinas de *Natação – Técnicas de Ensino e de Futebol Fundamentos* e mais algumas aulas em escolas durante a realização de outras disciplinas e estes fatos me deixavam claro as dificuldades que passaria ao realizar o Estágio.

Ao iniciar o semestre já tinha, por certo, em mente que incluiria a Orientação como ferramenta nas minhas aulas das unidades didáticas e foi o que fiz.

Deixei as aulas de Orientação mais ao final do semestre para primeiramente me ambientar e ganhar a confiança dos alunos, além de ter de preparar aulas de forma bastante didática até mesmo para a verificação da práxis e por conseqüência obter uma aquilatação argumentativa para os meu trabalhos monográficos, mas no transcorrer do

semestre fui modificando as datas das aulas de Orientação cada vez mais para o final, pois a empreitada se apresentava maior ainda do que imaginava, os alunos estavam habituados com as aulas de Educação Física nos moldes infelizmente tradicionais, ou seja, priorizando somente o esporte, pouco dirigidas à educação e sem novidades implantadas durante as aulas (meninos futebol e meninas voleibol ou queimada).

Por fim, não podia mais adiar as aulas e as realizei em três partes, uma constando de áudio visual onde apresentei vídeos do esporte, principalmente com crianças realizando a atividade, nesta já me causou uma certa surpresa, pois os alunos comumente desatentos, ficaram quase toda a apresentação interessados no novo. O próximo passo foi de apresentar para eles a sua própria escola em forma de um mapa didático que confeccionei. Novamente me surpreendi com o interesse deles, quase todos queriam mostrar que “tal parte do mapa, era tal parte da escola” e outras partes que não sabiam e alguns símbolos que se apresentavam no mapa, eles queriam saber a respeito. O último passo foi o de ensinar noções bastante básicas para se deslocarem pela área da escola para encontrarem os “pontos de controle” representados por cones, tudo em um esforço de ambientação lúdica de caça ao tesouro e como não queria fazer apenas uma competição de quem terminasse em menos tempo o percurso que deveriam desenvolver, acrescentei um trabalho mental para o percurso em função das observações que fiz durante o semestre que foi o de os alunos estarem muito fracos na disciplina da Língua Portuguesa, pois toda semana passava-lhes um tema sobre esporte ou saúde para desenvolverem e entregarem na semana seguinte e os textos continham muitos erros.

O trabalho mental funcionou assim: em cada cone, num total de sete, havia uma folha de papel no formato A4 numerada de 01 à 07 e com sílabas fora de ordem que faziam parte de duas frases (*“Educação é fundamental para o ser humano!”* e *“Orientação é um esporte para todos!”*) que teriam que remontá-las ao final do percurso e que contaria para a vitória também. Além disso, me esforcei para colocar os cones em locais bastantes distintos, área com pouca vegetação, áreas com mais vegetação, área pavimentada e até mesmo numa área que era um projeto de horta e que estava tomado pelo mato, com isso forçando os alunos a um trabalho mental ao terem de também explanar sobre os locais que eles visitaram no percurso da área da escola ao final do percurso, onde tive a oportunidade de ouvir alguns relatos como: “aquele canto do pátio estava com muito mato” ou “o ponto três tinha uma árvore que foi cortada e tinha grama que os alunos pisaram muito e acabaram”. Quis também realizar um trabalho cooperativo, então montei grupos de quatro ou cinco alunos e cada aluno do grupo seria responsável pelo decifrar da ordem das sílabas de pelo menos um dos cones, os “pontos de controle”. Para que as

diretrizes se efetivassem, realizei o percurso com cada grupo o que deu um total de cinco grupos.

Ao final principalmente destas aulas de utilização da Orientação como ferramenta pedagógica, o meu sentimento anterior que era de grande receio, transformou-se numa espécie de sentimento de arrependimento de não ter aproveitado antes e ter dedicado outras aulas à Orientação como forma de ferramenta de ensino.

Os motivos principais para a minha surpresa foram o interesse, a dedicação e a alegria dos alunos sempre que apresentava algo novo para eles como verificar na teoria e na prática, por exemplo, aspectos fisiológicos como a frequência cardíaca e a sudorese e seus “por quês”, mas o ponto culminante que considero um sucesso foi o da prática da Orientação, onde é claro que não “alcansei” todos os alunos, talvez por minha inexperiência, mas obtive sucesso com grande parte deles e ainda consegui verificar a possibilidade real da utilização da Orientação como ferramenta pedagógica e interdisciplinar pesquisada por mim para a monografia e que neste caso pude observar aspectos como: uma socialização através do trabalho cooperativo, motivação à busca da resposta, motivação para o desafio, interdisciplinarização com as disciplinas da Língua Portuguesa pela formação de palavras e frases, Geografia com a leitura do mapa em comparação ao terreno (não utilizei bússola, seria muito prematuro), um pouco de ecologia pela avaliação dos locais visitados e um pouco de matemática pela resolução de problemas.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo e da observação de uma vivência ao longo de mais de duas décadas neste esporte, pode se afirmar que a utilização da Orientação como ferramenta educacional desenvolve vários aspectos bio-psico-sociais importantes para os professores e alunos no processo de construção da cidadania e do desenvolvimento humano.

Faz-se mister ressaltar alguns pontos que são de suma importância para que esta ferramenta seja eficiente neste processo, a saber:

- A inclusão nos currículos de ensino superior. Além da necessidade da efetivação e tomada de consciência das orientações dos PCN para a transversalidade e interdisciplinaridade favorecendo uma maior otimização, capacitação e formação dos profissionais, o esporte Orientação como uma ferramenta pedagógica pode auxiliar neste processo.

- Habilitar professores da rede de ensino à disciplina. A inclusão da disciplina nos currículos de ensino superior habilitará os futuros profissionais, mas neste intervalo os atuais professores terão a possibilidade de uma atualização através de projetos que viabilizem as suas habilitações para usarem esta ferramenta pedagógica.

Estes dois itens anteriores merecem atenção também devido ao número considerado de praticantes no país e que segundo dados da Confederação Brasileira de Orientação já possui mais de onze mil filiados, mostrando assim um grande crescimento da prática e por conseqüência havendo a necessidade de mais profissionais habilitados a orientarem estes praticantes, a todos que buscam a atividade e principalmente os educandos em formação.

- É necessário também um maior volume de pesquisa nesta área para um maior desenvolvimento desta ferramenta/esporte, isto será conseqüência da inclusão no currículo de formação superior.

- E ainda é preciso a observação de outro aspecto importantíssimo que – até mesmo pelos vários processos pedagógicos, transversais e interdisciplinares envolvidos pelo ensino da Orientação – esta se torna um tanto complexa para os alunos principalmente os das séries iniciais, havendo uma necessidade de adequação do processo de ensino de acordo com os estágios de desenvolvimento dos alunos.

Inclusive deve se pensar se os conteúdos são mais importantes que os objetivos elencados para a formação do aluno. Dessa forma, os educadores terão que repensar a

sua forma de tratar os conhecimentos dentro da escola e qual o significado que estes têm para o aluno.

Apesar de serem definidas de formas distintas, a transversalidade e interdisciplinaridade, são dependentes, não dá para tratar de uma destas, sem diretamente utilizar também a outra. As duas questionam a segmentação que existe na escola, em que cada disciplina trata isoladamente de suas questões sem relacioná-las a um todo, mesmo diversas vezes tendo conteúdos bem parecidos e comuns, para proporcionar ao aluno um aprendizado de melhor qualidade, com maior ligação com o mundo fora da escola, ou seja, o cotidiano dos alunos.

E assim se apresenta a Orientação pelos seus aspectos de possibilidades transversais e interdisciplinares, uma ferramenta pedagógica para a efetivação da práxis e aproximação da realidade através de uma atividade lúdica, podendo ainda ser competitiva e que trabalha o físico e a mente com a pretensão de auxiliar a superação justamente da fragmentação do conhecimento e realizar uma ligação das disciplinas e experiências vividas, pois na vida real dos alunos, as situações se apresentam como problemas emaranhados à espera de soluções que não se resolvem de forma fragmentada.

## 5. REFERÊNCIAS

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo. Cortez. 1992.

BETRÁN, Alberto Olivera; BETRÁN, Javier Olivera. **Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en La naturaleza**. Apunts: Educacion Física y Deportes, 1995 (41) p. 108-123.

BRUHNS, Heloísa Turini. **Esporte e natureza: a experiência sensível**. Motriz, Revista de Educação Física – UNESP. Rio Claro, v.7. n.1, p. S93-S98, 2001.

MARINHO, Alcyane. **Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v.22, n.2, p.143-153, 2001.

SOUZA, Luís. **Como explorar a corrida de Orientação e o trekking**. Nova Escola, Revista de Educação – Abril Editora, Edição 230, Março de 2010.

DACOSTA, Lamartine (ORG.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 3-2.55, 2006.

LEME, Williams Belentani; **O Treinamento da corrida de Orientação como fator de aprimoramento profissional militar**. Revista de Educação Física - Nº 141 – p. 59-64, 2008.

FILHO, Carol Kolyniak; **Educação Física: Uma (nova) introdução**. 2ª Edição Revista – São Paulo: EDUC, 2008.

BRASIL. **Lei n. 9.394. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO. **Escola Natureza**. Disponível em: <http://www.cbo.org.br>. Acesso em: 08, dezembro de 2010.

FERREIRA, Hélder da Silva; RODRIGUES, Emanuel Alte. **Caderno Didático nº 1. Escolas de Orientação: Um exemplo – A Escola de Orientação do COC.** Federação Portuguesa de Orientação. Portugal, 2009.

FERREIRA, Hélder da Silva; RODRIGUES, Emanuel Alte. **Caderno Didático nº 2. Percursos de Orientação para Crianças. Recomendações. Percursos Balizados; Percursos HD/10 e HD/12; Percursos para Grupos de Formação.** Portugal, 2009.

FERREIRA, Hélder da Silva; RODRIGUES, Emanuel Alte. **Caderno Didático nº 3. Iniciação À Orientação Na Escola Em Mapas Simples. Condições de prática. Material Didático. Tipos de Percursos.** Portugal, 2009.

BALTAZAR, Jorge. **Documento de apoio para Acções de Formação de Praticantes de Orientação.** Federação Portuguesa de Orientação. Portugal, Janeiro de 2009.

VIÑAMBRES, Alberto Mínguez. **Las Actividades de Orientación en la Educación Formal.** Universidad Autónoma de Madrid. *Ágora para la EF y el Deporte*, n.º 7-8, 2008, 49-62.

KIM, Sun-Hee. **An Exploration of the Applicability of a Recreational Orientierungslauf (Orienteering) Programme for Urban Cultural Experience Activities.** *Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education*. Vol. 9, No. 2. 2010.

Rodríguez, Alejandro Emilio Ramos. **Tendencias didácticas de la enseñanza en la carrera de orientación.** Cuba. <http://www.efdeportes.com>. *Revista Digital - Buenos Aires* - Año 9 - N° 59 - Abril de 2003.

MARUJO, Marcelo Pereira; MARUJO, Lidiane Estevam Lima; NÚÑEZ, Isauro Beltrán. **El juego en la naturaleza: orientación deportiva.** Brasil. <http://www.efdeportes.com>. *Revista Digital - Buenos Aires* - Año 11 - N° 104 - Janeiro de 2007.

OLIVEIRA, Fábio Souza de; BARROSO, Johelio Santana; JUNIOR, Osvaldo Moura Costa. **A Corrida de Orientação Enquanto Conteúdo da Educação Física Escolar.** Brasil. <http://www.efdeportes.com>. *Revista Digital - Buenos Aires* - Año 13 - N° 119 - Abril de 2008.

DE COS, Iñaki Rabadán. **Aspectos positivos de la orientación para su inclusión en la escuela. España.** <http://www.efdeportes.com>. *Revista Digital - Buenos Aires* - Año 12 - N° 118 - Março de 2008.

FERNÁNDEZ, Yusleyni Ruiz; OSORIO, María del Carmen Barreda. **Aplicación de da Metodología de da Enseñanza Para da Carrera de Orientación en Edades Tempranas, 11-12 Años.** Cuba. <http://www.efdeportes.com>. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 13 - Nº 127 - Dezembro de 2008.

SACK, Greg. **O Integrated Into Entire Curriculum.** Orienteering In Schools. United States of America. February/March 2003 Disponível em: <http://www.ocin.org/school>. Acesso em: 08 de dezembro de 2010.

SACK, Greg. **Organizing a Class Orienteering Event.** United States of America. Disponível em: <http://www.ocin.org/school>. Acesso em: 08 de dezembro de 2010.

SACK, Greg. **Orienteering as Cognition Training.** Orienteering In Schools. United States of America. Setembro 2003. Disponível em: <http://www.ocin.org/school>. Acesso em: 08 de dezembro de 2010.

FERNANDES, António José Serôdio; FERREIRA, Rui Manuel Fernandes. **Opção de Desporto, Natureza e Lazer Orientação na Escola.** 1999. Disponível em: <http://www.gd4caminhos.com/orientacao>. Acesso em: 08 de dezembro de 2010.

USA. **What is Orienteering?** Disponível em: <http://orienteeringusa.org/new-o>. Acesso em: 08 de dezembro de 2010.

DORNELLES, José Otávio Franco. **Prospecto de apresentação do Esporte Orientação.** Confederação Brasileira de Orientação. Santa Maria. Julho de 2010.

DORNELLES, José Otávio Franco. **Projeto Escola Natureza.** Confederação Brasileira de Orientação. Santa Maria. Setembro de 2000.

DORNELLES, José Otávio Franco. **Histórico do Esporte Orientação nos Currículos Escolares no Brasil.** Confederação Brasileira de Orientação. Santa Maria. Julho de 2005.

FRIEDMANN, Raul M. P. **Fundamentos de Orientação, Cartografia e Navegação Terrestre.** 2ª Edição. Editora: UTFPR. 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio em CD-ROM, versão 5.0** - revista e atualizada, baseada na edição impressa do Novo Dicionário Aurélio. Editora Positivo. 2004.

FIGUEIREDO, Orlando Duarte. **História dos Esportes.** Editora Senac. São Paulo. 2003.

BLECHER, Shelly. ROSSETO JUNIOR, Adriano José; MATTOS, Mauro Gomes De. **Teoria e Prática da Metodologia da Pesquisa Em Educação Física**. Editora Phorte. 2004.

PARLEBÁS, P. **Perspectivas para Una Educación Física Moderna**. Editora Pássime Unisport. Espanha. 1987.

FEIO, Vasco Craveiro. **A Corrida de Orientação**. Editora Tip. Minerva do Comércio. Lisboa Junho 1987.

\_\_\_\_\_. Escola de Educação Física do Exército - **Orientação**. 1992.

CRUZ, Sebastião da Silva. **Orientação – Um Novo Desporto**. MEC. 1960.

MENDONÇA, Camilo de. **Orientação: Desporto da Natureza**. Lisboa. Direção Geral dos Desportos. 1987.

CHARBEL, Oscar Portela. **Corrida de Orientação – Montagem de Percursos e Métodos para Treinamento de Equipes**. Revista de Educação Física – Escola de Educação Física do Exército. Rio de Janeiro, n.119, p. 15-30, 1991.

SOUSA, Diego Petyk de; FÁVERO, Maria Teresa Martins. **Educação Física na perspectiva dos parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental**. <http://www.efdeportes.com>. Revista Digital. Buenos Aires, Ano 15, Nº 147, Agosto de 2010.

CAMPOS, Luiz Américo da Silva; GONÇALVES, Antonia Eliene; LEAL, Silvânia Matheus de Oliveira; Cardeal, Cíntia Mota. **Corrida de Orientação: um desporto interdisciplinar por natureza**. <http://www.efdeportes.com>. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Ano 15, Nº 149, Outubro de 2010.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati. **Corrida de Orientação: Esporte e Ferramenta Pedagógica para o Ensino**. Três Corações. Gráfica Excelsior. 2004.

SYMONDS, Lisa. **Sport Spotlight: Orienteering**. Inglaterra. Disponível em: <http://www.britishorienteering.org.uk>. Acesso em: 08 de dezembro de 2010.

CAMARGO, Fernando Antonio Lucas. **Educação Organizacional: o estímulo as inteligências múltiplas para construir competências em processos de treinamento e desenvolvimento – Observação por análise de currículo na Escola de Sargentos das Armas.** Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR. Três Corações, Minas Gerais. 2004.

FERNANDES, José Luis. **Atletismo: Corridas - Atletismo: lançamentos (e arremesso) e Atletismo: Saltos.** 2ª Edição Revisada. São Paulo: EPU, 2003.

SCHULTZ, Theodore William. **O Valor Econômico da Educação.** 2ª Edição. Editora: Jorge Zahar. 1967.

MELLO, Luiz Antonio de Castro; SILVA, Cristina da Silva. **Desporto Orientação: Uma Ferramenta Pedagógica para Educação Geográfica.** Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo. 20 à 26 de Março de 2005.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira.** EducaBrasil. São Paulo: Editora: Midiamix, 2002, <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=70> , visitado em abril de 2011.